



OBSERVAÇÕES EM CRIANÇAS QUE DORMEM COM ADULTOS

OBSERVATIONS IN CHILDREN SLEEPING WITH ADULTS

OBSERVACIONES EN NIÑOS QUE DUERMEN CON ADULTOS

Antônio José Bezerra dos Santos¹

e666465

<https://doi.org/10.47820/recima21.v6i6.6465>

PUBLICADO: 6/2025

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas observações realizadas em atendimentos com crianças, analisando-as à luz de contribuições teóricas da psicanálise. Em diversos casos, verificou-se a recorrência de determinados sintomas em crianças que compartilhavam a cama com adultos no momento de dormir. Entre os sintomas mais frequentemente observados estavam: enurese noturna, dificuldades de aprendizagem, inquietação (inclusive durante o sono), agressividade, medos infundados (como medo de ficar sozinha ou do escuro), dependência e baixa autonomia. Foram identificadas dificuldades nas relações entre os adultos — especialmente os casais — envolvidos na dinâmica com a criança. Tais dificuldades, por vezes, eram mascaradas pela inclusão da criança na relação conjugal, fazendo com que ela ocupasse o lugar de receptora de uma libido que não encontrava um destino mais adequado. A posição em que a criança é inserida nessa configuração relacional parece contribuir para o adoecimento psíquico. Busca-se, portanto, na literatura psicanalítica, compreender as produções teóricas acerca dessa temática e identificar fundamentos que possam orientar a prática clínica nesses casos.

PALAVRAS-CHAVE: Ansiedade. Complexo de Castração. Dormir com adultos. Família.

ABSTRACT

This work aims to bring some observations made in care with children and understand them in the light of what some authors of psychoanalysis say. Some symptoms presented by the children were repeated in cases where they shared the same bed with adults at bedtime. The symptoms often found were nocturnal enuresis, learning difficulties, restlessness (including sleep), aggressiveness, unfounded fears (fear of being alone, fear of dark), dependence, little autonomy. Difficulties were noticed in the relationship of adults, particularly couples, involved in the relationship with the child, difficulties that were masked with the inclusion of the child to play the role of recipient of a libido that could not find a more appropriate destination. The position that the child is placed in this relationship seems to be sickening to it. We will search the psychoanalytic literature for what has been produced in this theme and what can be supported as a reference to what is proposed as a direction in the clinic of these cases.

KEYWORDS: Anxiety. Castration complex. Sleeping with adults. Family.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo presentar algunas observaciones realizadas en atenciones con niños, analizándolas a la luz de contribuciones teóricas del psicoanálisis. En diversos casos, se constató la recurrencia de determinados síntomas en niños que compartían la cama con adultos a la hora de dormir. Entre los síntomas observados con mayor frecuencia se encontraban: enuresis nocturna, dificultades de aprendizaje, inquietud (incluso durante el sueño), agresividad, miedos infundados (como miedo a quedarse solos o a la oscuridad), dependencia y baja autonomía. Se identificaron dificultades en las relaciones entre los adultos —especialmente las parejas— involucrados en la dinámica con el niño. Tales dificultades, en ocasiones, eran enmascaradas mediante la inclusión del niño en la relación conyugal, lo que hacía que ocupara el lugar de receptor de una libido que no encontraba un destino más adecuado. La posición en la que el niño es insertado en esa configuración relacional parece contribuir al padecimiento psíquico. Se busca, por tanto, en la

¹ Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Psicólogo da Prefeitura da Cidade do Recife.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OBSERVAÇÕES EM CRIANÇAS QUE DORMEM COM ADULTOS
Antônio José Bezerra dos Santos

literatura psicanalítica, comprender las producciones teóricas sobre esta temática e identificar fundamentos que puedan orientar la práctica clínica en estos casos.

PALABRAS CLAVE: *Ansiedad. Complejo de Castración. Dormir con Adultos. Familia.*

INTRODUÇÃO

As observações citadas neste estudo foram feitas em 15 anos de trabalho como psicólogo de equipe do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (Nasf) em quatro unidades de saúde da família da cidade do Recife-PE. O Nasf é uma equipe multidisciplinar composta por psicólogo, nutricionista, farmacêutica, fonoaudióloga, assistente social, terapeuta ocupacional e fisioterapeuta. O objetivo do trabalho do Nasf consiste em dar apoio matricial e assistencial às equipes de saúde da família, visando dar maior resolutividade ao cuidado na atenção primária à saúde, com este cuidado se dando no próprio território de residência do sujeito, evitando/reduzindo o encaminhamento do mesmo para ambulatório especializado.

Nesta prática, tem sido constante o aparecimento de casos de crianças com baixo ou nenhum rendimento escolar, agressividade, inquietação, medos infundados _ particularmente medo de escuro e/ou de ficar sozinha_, enurese noturna, problemas de dicção, atraso no desenvolvimento do discurso ou mesmo motor, quase sempre acompanhadas de “suspeita/diagnóstico de autismo”. Nem sempre a criança apresenta todas estas reações/sintomas, mas, ao menos alguns destes. Observou-se em comum nos casos, que eram crianças que dormiam, às vezes desde o nascimento, na mesma cama com adultos. Não só dormiam, mas parece, cumpriam também uma função na vida sexual deste(s) adulto(s).

Os encontros, em geral, se deram mensalmente, com escuta à criança e familiares, assim como orientações a estes. O período dos encontros variava de acordo com a adesão ao acompanhamento tanto da criança quanto dos familiares. Dependendo da transferência na relação psicólogo/família, alguns mais facilmente aderiam às recomendações, outros apresentavam maior resistência e demandavam mais tempo.

Lacan (2003) coloca que a função materna e a paterna vão além da satisfação de necessidades. Desempenham uma função na constituição subjetiva do sujeito. Da mãe, o cuidado que transmite uma importância e um interesse particular desta pela criança, importando mesmo em suas faltas. Do pai, a lei que vai viabilizar a relação do sujeito com seu desejo de forma a constituí-lo capaz de lidar com a realidade. Nesta relação intrincada com os desejos desses adultos, esta criança se torna expressão de sintoma do que porventura exista na estrutura familiar. Assim:

O sintoma _ esse é o dado fundamental da experiência analítica _ se define, nesse contexto, como representante da verdade. O sintoma pode representar a verdade do casal familiar. Esse é o caso mais complexo, mas também o mais acessível às nossas intervenções. (Lacan, 2003, p. 369).

Partindo do ponto de vista da criança, podendo ser a expressão de sintoma familiar, é que foram feitas algumas observações.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OBSERVAÇÕES EM CRIANÇAS QUE DORMEM COM ADULTOS
Antônio José Bezerra dos Santos

A FAMÍLIA

A família parece desempenhar um duplo papel: o de gerador de seus entes, do ponto de vista biológico, e o de transmissor da cultura. Segundo Lacan (2003), tanto em um papel quanto em outro, há funções que necessitam ser cumpridas pelos adultos para garantir aos jovens condições de serem continuadores dessa família.

O ser humano parece ter um desenvolvimento singular nas suas relações sociais. Estabelece-as “sustentado por capacidades excepcionais de comunicação mental e, correlativamente, por uma economia paradoxal de instintos” (Lacan, 2003, p. 29). A conservação e o desenvolvimento da espécie dependem da transmissão de regras e valores, e isto seria uma obra coletiva. Desta forma, estaria se constituindo a cultura que preservaria a espécie. A cultura “introduz uma nova dimensão na realidade social e na vida psíquica. Essa dimensão especifica a família humana, bem como, aliás, todos os fenômenos sociais do homem.” (Lacan, 2003 p. 29). Esta dimensão cultural parece superar a dimensão biológica, posto que em situações de adoção, a família adotiva pode desempenhar a função que seria da família biológica. A família cumpre o papel de primeiro transmissor desta cultura. Na família se experimenta a hierarquia, impondo-se coerção às pulsões e formação moral dos adultos sobre as crianças. A esta coerção “o homem deve uma etapa original e as bases arcaicas de sua formação moral” (Lacan, 2003, p. 30). A forma como se dá esta transmissão pela família vai reger os processos fundamentais de como se dará o desenvolvimento psíquico do sujeito, pois fica com o papel de primeiro lhe transmitir a cultura. Prevalece na “educação precoce, na repressão aos instintos e na aquisição da língua” (Lacan, 2003, p. 30). No mesmo trabalho, Lacan (2003) coloca que, em seu papel estruturador, a família introduz bases de comportamento e de representação que vão além da consciência. A família será a organizadora do sujeito.

A família, como estruturadora do sujeito, está à frente do desenvolvimento psíquico, da estruturação emocional, base dos sentimentos, e da estrutura de comportamento e de representação.

Considerando tanto este papel que a família desempenha, quanto que quem a representa são os adultos que rodeiam, cuidam e influenciam a criança, a qualidade da relação que estes adultos estabelecem com a criança supõe-se determinante no resultado da formação desta. Não só a qualidade da relação, mas também a posição que estes adultos colocam a criança dentro da relação familiar.

OBSERVAÇÕES E DISCUSSÃO

Considerando este ponto de vista, foi observado que casais com problemas de relacionamento, reconhecidos pelos envolvidos ou não, colocam o filho na cama para impedir qualquer intimidade com o cônjuge, ou para levar essa intimidade para uma condição insatisfatória. A criança aí tem um papel na vida sexual do casal: impedir que esta se efetive. Há aí uma ansiedade por parte do(s) adulto(s) parental(ais) de manter a criança nesta posição de impedir essa intimidade. Uma posição para a qual a criança não está preparada. A criança é mantida nesta posição, por parte



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OBSERVAÇÕES EM CRIANÇAS QUE DORMEM COM ADULTOS
Antônio José Bezerra dos Santos

desse(s) adulto(s), para que aquela satisfaça o seu desejo (do adulto). Há um investimento libidinal da parte deste(s) adulto(s) mantendo a criança presa à sua (do adulto) necessidade. "... a iniciativa de colocar as crianças para dormir junto é dos pais, isso acontece por necessidade deles" (Rabello, 2009). Presa nesta teia, a criança não consegue se desenvolver adequadamente. Não cumpre seu momento de vida, que é a infância, para viver um papel na vida sexual desses adultos.

Segundo Lacan (2003), a formação do supereu e do ideal do eu do sujeito está menos influenciada pelo eu do genitor, do que pela intenção deste, ou seja, do que lhe é passado no campo afetivo.

Ora, a experiência revela que o sujeito forma seu supereu e seu ideal do eu não tanto conforme o eu do genitor, mas conforme as instâncias homólogas de sua personalidade – o que quer dizer que, no processo de identificação que resolve o complexo edipiano, a criança é muito mais sensível às intenções da pessoa parental que lhe são afetivamente comunicadas do que àquilo que podemos objetivar do comportamento dela (Lacan, 2003, p. 85).

Às vezes não se trata de casal que põe a criança na cama, mas de um adulto, geralmente a mãe que separou do pai, ou mesmo a avó, que se responsabiliza pela criação do neto. Da mesma maneira, essa criança recebe uma carga libidinal muito intensa, pois é colocada na posição do pai, que foi embora, ou de preencher um vazio afetivo trazido pela avó ou pela mãe. Mais uma vez, a criança tem um papel de parceira desse adulto com necessidades afetivas despejadas nela, assumindo uma carga, que não lhe cabe, na vida afetiva e sexual desse adulto.

Lacan (2003) coloca os distúrbios da libido da mãe como uma das causas da neurose. Uma mãe que coloca uma ternura e uma preocupação excessiva com o filho pode estar revelando um impulso recalcado de uma mãe frígida, que desvia sua libido para a relação com o filho. Ou mesmo uma mãe que esconda uma severidade e uma crueldade inconsciente e demonstre uma fixação na relação com a criança.

O dormir junto é uma forma de mobilizar a libido dos que assim estão. O estar dormindo na mesma cama, funciona como estímulo à intimidade do casal. O toque da pele, a pouca roupa, a proximidade em um ambiente escuro, facilita esta mobilização do desejo. Como a criança não é desprovida de sexualidade, também com ela este estímulo acontece. O corpo dela também é estimulado pela situação de intimidade e pelo investimento libidinal feito pela necessidade do adulto. Rabello (2009) coloca que "Quem tem que ter o discernimento, a clareza, a responsabilidade é o adulto. Quem não gosta de ser acarinhado? É o mesmo que tirar a batatinha e a coca cola depois que a criança está obesa. É não criar esse problema!".

Acontece que a criança não se encontra nem física nem psiquicamente preparada para descarregar a libido estimulada, e se vê com uma excitação sem ter como satisfazê-la. Esta excitação busca, então, satisfação na forma de sintoma, que está ao alcance da criança.

Segundo Rosenberg (1994),

As crianças costumam fazer sintomas naqueles lugares que se tornam insuportáveis para seus pais. Frequentemente os sintomas estão a eles dirigidos porque é uma forma de se fazer ouvir... Recordemos, porém, que o sintoma é também a solução



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OBSERVAÇÕES EM CRIANÇAS QUE DORMEM COM ADULTOS
Antônio José Bezerra dos Santos

de compromisso entre a realização do desejo inconsciente e o insuportável do Eu para tolerar sua realização. (Rosenberg, 1994, p. 26).

Aí aparecem a enurese como ejaculação, a inquietude motora para descarga da ansiedade gerada pela excitação, a dificuldade de concentração consequente da mesma ansiedade dificultando a aprendizagem, os medos infundados (que, na verdade, são medos da própria excitação mobilizada, que se manifesta, inclusive, na forma de pesadelos). Também a impaciência e agressividade, pois esses adultos, que não estão cumprindo a sua função estruturadora para a criança, despertam o ódio por parte desta, e este ódio é descarregado, principalmente, em outras pessoas que não este adulto cuidador. A ambiguidade de sentimentos em relação a este, o protege da reação da criança. Aquele que desperta ódio também desperta amor, pois é quem cuida e garante a vida da criança. Outra manifestação é a dificuldade nas relações sociais, talvez uma forma de dizer sem precisar falar com esse mundo que a perturba.

Todo mundo que dorme colado a noite inteira tem um convívio. Não é verdade que as crianças são indiferentes a isso. É lógico, é totalmente diferente do adulto. As meninas são mais discretas pela sua natureza biológica, mas os meninos não são. É fácil você ver meninos pequeninhos como ficam excitados em algumas situações. Depois ficam super agitados, super-hiperativos, porque não sabem o que fazer para restabelecer a tranquilidade biológica novamente (Rabello, 2009).

Freud (1976/1933), fala da ansiedade despertada pela excitação não satisfeita, da sua ligação com a economia libidinal. Diz que a experiência clínica revela que a “causa mais comum da neurose de angústia é a excitação não consumada” (Freud, 1976/1933, p. 105). Com a excitação despertada, mas não satisfeita, surge o estado de apreensão no lugar da libido desviada da sua finalidade. Ele cita o medo de estar só e o medo de estranhos como decorrentes da libido transformada em ansiedade pela sua insatisfação. Cita como fobias infantis compreensíveis por esta transformação. O processo de transformação é descrito:

A solidão, assim como um rosto estranho, desperta na criança um anelo por sua mãe, a quem conhece tão bem; a criança é incapaz de controlar a excitação libidinal, não consegue mantê-la em suspenso e transforma-a em ansiedade. (...) As fobias infantis e a expectativa ansiosa da neurose de angústia nos oferecem dois exemplos da maneira de como se origina a ansiedade neurótica: transformação direta da libido. (Freud, 1976/1933, p. 105).

Freud (1976/1926) também descreve a ansiedade como reação ao perigo. Uma situação vivida como perigosa vai ser revivida sempre que uma nova situação evoque a memória da anterior. A situação de excitação sendo vivida como ameaçadora pela criança, devido à libido mobilizada e não satisfeita, vai ser vivida de forma ansiosa, por representar essa ameaça que a excitação provoca.

Em “Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos”, Freud (1976/1909), na discussão do caso clínico do pequeno Hans, fala do desejo mobilizado na criança pelas situações de intimidade que a mãe lhe permite e da carga de ansiedade resultante desse desejo mobilizado.

Durante o verão precedente, Hans tinha tido estados de espírito semelhantes de anseio e apreensão (...); e nessa época eles lhe tinham assegurado a vantagem de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OBSERVAÇÕES EM CRIANÇAS QUE DORMEM COM ADULTOS
Antônio José Bezerra dos Santos

ser levado por sua mãe para a cama dela. Podemos presumir que, desde então, Hans tenha ficado num estado de excitação intensificada, cujo objeto era sua mãe. A intensidade dessa excitação foi mostrada por suas duas tentativas de seduzir sua mãe. (a segunda das quais ocorreu imediatamente antes da eclosão da sua ansiedade). (Freud, 1976/1909, p. 125).

E conclui: “O fato é que a sua excitação sexual subitamente mudou para ansiedade”. (Freud, 1976/1909, p. 126).

Na mesma obra, Freud traz o conceito de “histeria de angústia” para identificar o resultado ou caminho que toma a libido recalcada. No caso em questão, uma criança de quatro anos, o Pequeno Hans, tem uma situação em que passa por excitação da sua libido e, não tendo maturidade nem física nem psíquica para adequadamente descarregá-la, cria sintomas fóbicos.

Em nome de proporcionar uma educação liberal para o filho, os pais do Pequeno Hans têm uma relação em que permitem a participação do filho em alguns ambientes de intimidade. A criança assiste aos pais trocarem de roupa, ou fazerem suas necessidades no banheiro e dorme com a mãe quando o pai viaja, mesmo contra a vontade deste, nesta última situação.

Os acessos a essas situações que estimulam sua libido levam a criança a ter um nível de excitação que exacerba sua disputa edípica com o pai. A agressividade gerada pela disputa é transmutada em medo do pai e, para lidar com a contradição de odiar e temer a mesma pessoa que ama, ele projeta a ameaça para os cavalos que via puxar as carruagens próximo a sua casa.

Neste caso, a saída encontrada pela criança foi fóbica, mas talvez nem sempre a saída precisa ser uma fobia. Essa excitação acumulada antes de se manifestar como fobia, levou à histeria de angústia e esta é que pode buscar formas de manifestação, inclusive como fobia, como no caso analisado por Freud. A fobia, então, é vista como uma forma de manifestação. A neurose é a histeria de angústia.

Freud (1909) descreve o que seria a histeria de angústia:

O termo encontra sua justificação na semelhança entre a estrutura psicológica dessas fobias e a da histeria – uma semelhança que é completa, exceto em um único ponto. Esse ponto, todavia, é um ponto decisivo e bem adaptado para finalidades de diferenciação. Na histeria de angústia, a libido, que tinha sido libertada do material patogênico pela repressão, não é convertida (isto é, desviada da esfera mental para uma inervação somática), mas é posta em liberdade na forma de ansiedade. “(p.122/123).

As crianças que dormem com adultos parecem ter, assim, sua libido estimulada e constituir uma histeria de angústia. Esta leva à formação de sintomas para manifestar a libido recalcada. Tem-se observado a enurese noturna (ejaculação?), o medo de escuro, o medo de ficar só (medo de ficar diante da excitação?), a dificuldade de ouvir ‘não’ (não há barreira que impeça de estar na intimidade dos adultos), a dificuldade nos relacionamentos sociais. A ansiedade também prejudica a sua concentração e seu rendimento escolar, além de insegurança ao ficar longe do adulto com quem dorme. Formas de manifestação da ansiedade da histeria de angústia.

Sobre a enurese noturna como uma substituta da ejaculação, Freud (1976/1924) refere que “... a enurese na cama, de longa duração, deve ser igualada à poluição dos adultos, e é uma



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OBSERVAÇÕES EM CRIANÇAS QUE DORMEM COM ADULTOS
Antônio José Bezerra dos Santos

expressão da mesma excitação dos órgãos genitais que impeliu a criança a masturbar-se nesse período.” (p. 219). A tensão gerada pela excitação é descarregada pela criança através da micção.

Marie Christine Laznik (2025), relatando o caso de uma criança que retorna ao seu consultório anos após seu acompanhamento clínico coloca que:

Eu a vi novamente quando ela tinha sete anos. Ela veio por dificuldades típicas de crianças, enurese noturna e um hábito: juntar-se aos pais na cama. Foi uma dor separa-se da sua mãe, que estava muito ocupada com um trabalho emocionante e um filho que ainda estava no espectro, mesmo que fosse muito inteligente. Os xixis foram resolvidos com a proibição da cama dos pais. Sua necessidade de sua mãe poderia ter exigido psicoterapia, se sua família não morasse tão longe. (p. 74).

Note-se também, que é mais comum os pais deixarem mais perto de si as crianças quando bebês, devido à amamentação durante a noite ou a outros cuidados mais frequentes que são comuns em bebês com pouco tempo de vida. Mas, se essas crianças, à medida que vão crescendo, são mantidas na posição de bebês para atender as necessidades e desejos dos adultos envolvidos, elas vão se mantendo nesta posição de bebê, justamente para atender ao desejo deste Outro, atrasando seu desenvolvimento, apresentando dificuldade na dicção, no andar, enurese noturna, dificuldade de aprendizagem.

Rosenberg (1994) fala sobre a necessidade que a criança sente de atender o desejo dos pais:

... em alguns momentos na formação dessa subjetividade, confunde-se o desejo do *infans* com o de seus pais, o supereu de um com o do outro, a função egoica da mãe com as possibilidades da criança, não se estabelecendo, portanto, uma clara definição entre o dentro e o fora. (Rosenberg, 1994, p. 27).

Outro aspecto é a dependência que a criança humana tem, por anos, do adulto para que se mantenha viva, tanto do ponto de vista biológico quanto do ponto de vista psíquico. Rosenberg (1994) fala dessa dependência da criança em relação ao adulto: “Diferentemente do adulto, a criança é uma cria que depende, durante longos anos, de alguns cuidados especiais, tanto em relação às suas necessidades materiais, como na dependência do amor.” (p. 31). Mais adiante a mesma autora coloca que:

O *infans* vem ocupar um lugar que já está marcado pelo desejo do Outro, lugar daquilo que completa a mãe em seu desejo narcísico. Assim, o bebê se aliena na imagem de um Outro, sua demanda passa a ‘ser desejado pelo Outro’ ou ‘ter o desejo do Outro como seu desejo’. (Rosenberg, 1994, p. 42).

Isto leva a criança a uma posição de atender o desejo desse adulto como forma de garantir sua sobrevivência e de ter um lugar no mundo.

Segundo Françoise Dolto (2011), “para o inconsciente da criança, o necessário é que haja um adulto que a impeça de ter intimidade total com o seu genitor. Esse novo parceiro lhe permite viver o Édipo.” (p. 66). Esse corte, esse *não*, é que vai permitir a criança se livrar da teia que o prende nessa intimidade adulta, e tem um efeito estruturante para esse sujeito que se constitui para que ele siga na construção de sua autonomia.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OBSERVAÇÕES EM CRIANÇAS QUE DORMEM COM ADULTOS
Antônio José Bezerra dos Santos

Lacan (1995) retoma o caso do pequeno Hans e chama atenção para o fato de que tudo lhe era permitido, particularmente pela mãe, que desautorizava o pai na medida em que desconsiderava a oposição deste à presença de Hans na cama do casal. Esta desautorização minou o efeito que a castração teria na constituição da criança e colocou esta exposta ao seu desejo pela mãe. A ausência do *não* deixou o Hans vulnerável e desencadeou a fobia que apresentou.

Na mesma obra, Lacan (1995) fala da angústia gerada no pequeno Hans quando sua excitação move seu pênis e traz para a realidade o desejo que estava mobilizado. Aí começa a ameaça a esse pênis dentro também da realidade. Lacan chama de armadilha a situação em que Hans se vê. A situação “onde se é o que não se é, onde se é para a mãe tudo o que a mãe quer.” (p. 232). Isto é, cativo do desejo do Outro. Necessária se faz aí a intervenção da figura paterna para cumprir a função de separação da criança da mãe. De castrar, sob pena de a criança ficar sob o desejo do Outro.

O complexo de castração talvez assuma uma posição central na discussão aqui feita. Seria a angústia pela possibilidade de ter parte do corpo amputada ou pela incompletude deste corpo. Segundo Freud (1976/1924), o complexo de castração seria gerado pelo receio da falta do pênis, através da perda, no caso dos meninos, ou pela ausência, no caso das meninas. A mãe como objeto de desejo se tornaria uma ameaça a perder o pênis, no caso do menino, e este precisa abrir mão de seu desejo para garantir sua integridade física. Agindo assim, entra em um período de latência, em que seu desenvolvimento sexual fica em suspensão, só sendo retomado com a entrada na adolescência. No caso da menina, a percepção da ausência do pênis a faz considerar que falta algo em seu corpo e que o que está faltando deve se desenvolver posteriormente. Ao perceber que isto não irá ocorrer, o medo da perda de amor passa a tomar uma dimensão importante e castradora de seu desejo, com a menina substituindo uma disputa com a mãe pelo pai como objeto de desejo e amor, e desenvolvendo uma identificação com aquela.

O falo, quando percebida sua ausência pela criança, na constituição da mãe, levaria aquela a se supor o próprio falo a completar a desejante mãe (desejante do falo). A intervenção da figura paterna sendo possuidor do falo, fonte da satisfação da mãe, é que vai fazer a criança se colocar em outra posição. O complexo de castração lança no imaginário o que está em jogo. É aí que intervém a ordem simbólica, com a lei paterna. O dilema sai das mãos da criança e é resolvido por esta não ter como ganhar do pai. Desta forma se restabelece a ordem, com a criança abrindo mão desse objeto que é a mãe e abrindo a possibilidade de voltar seus investimentos para outros objetos.

Este pai que traz o falo para satisfação da mãe precisa ser efetivo. Esse falo precisa ser suficientemente bom para que a mãe seja atendida em sua demanda e prescindida do filho(a) para sua completude (Lacan, 1995). Fundamental não só a função desempenhada pelo pai neste momento, como igualmente fundamental a confirmação que a mãe faz desta função. É ela que vai dar a referência para a criança de que este falo cumpre a sua função de atender seu desejo, sua necessidade de satisfação. Se esta confirmação não existe, esta função paterna pode não cumprir sua eficácia na estruturação da criança.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OBSERVAÇÕES EM CRIANÇAS QUE DORMEM COM ADULTOS
Antônio José Bezerra dos Santos

Digamos, todavia, que o pai é aquele que possui a mãe, que a possui como pai, com seu verdadeiro pênis suficiente, à diferença da criança que, quanto a si, é presa do problema de um instrumento ao mesmo tempo mal assimilado e insuficiente, senão rejeitado e desdenhado. (Lacan, 1995, p. 373).

Mais adiante:

É preciso que o verdadeiro pênis, o pênis real, o pênis válido, o pênis do pai, funcione, por um lado. É preciso, por outro lado, que o pênis da criança, que se situa comparativamente ao primeiro, numa *Vergleichung*, reúna-se a sua função, sua realidade, sua dignidade. E para fazer isso, é preciso que haja passagem por essa anulação que se chama o complexo de castração. (Lacan, 1995, p. 373).

Quer dizer, é na aniquilação momentânea que está a possibilidade de mais tarde o sujeito ter acesso a uma função sexual que lhe seja satisfatória e feliz. Esta lei paterna, o pai simbólico, que dá esse corte dizendo *não* a esta ligação mãe e filho, é que vai permitir o descolamento da criança em relação à figura materna, até então onipotente para a criança. É preciso que o pai real cumpra o papel castrador para que seja assimilado como símbolo e só assim possa cumprir sua função estruturadora para a criança.

Segundo Freud (1976/1924), a saída do complexo de Édipo, para criança do sexo masculino, se dá pelo complexo de castração. A ameaça de perder seu pênis, símbolo do falo, em consequência de seu desejo pela mãe, o faz recalcar este desejo para preservar sua integridade e sair dessa disputa com o pai pelo mesmo objeto de desejo. A criança precisa deste *não*, que deve ser dado pelos adultos, para promover o recalque e sair em busca de outros objetos de desejo.

Também segundo Freud (1976/1931), a criança do sexo feminino, inicialmente ligada à mãe, tal qual a do sexo masculino, troca seu objeto desejo, a mãe, pelo pai, quando se percebe sem um pênis. Culpa a mãe por isto, passa a hostilizá-la e busca o pai como possuidor do falo. É quando passa a referir o pai como seu marido e fala em ter um filho com ele. A frustração a esta fantasia é que vai fazer a menina sair deste investimento libidinal e buscar outros objetos fora da relação paterna, inclusive um retorno à identificação com a mãe, constituindo assim sua feminilidade. Aqui também o *não* se faz necessário para a estruturação desse sujeito. Estar na cama com o pai vai dificultá-la a sair do investimento libidinal neste. Estar na cama com a mãe, ou com quem cumpre a função materna, vai tender a uma identificação com a figura paterna, intensificando a fantasia de uma relação ativa com a mãe. Daí a enurese como ejaculação, mesmo nas meninas.

Vendo do ponto de vista da teoria construída por Lacan, para o recém-nascido é a pessoa que cuida da sua sobrevivência que lhe repassa os primeiros significantes. É a função materna que esse cuidador desempenha. Enquanto não encontrar seu próprio sentido, o pequeno ser faz de seu sentido que lhe é dado por quem desempenha a função materna. É o desejo, a expectativa deste, que fornece o primeiro sentido para o ser humano, pois esse sentido não é herdado geneticamente. Esse assumir o desejo do Outro como seu, é o que Lacan (1956), citado por Bernardino (2006), denominou de alienação. É preciso alienar-se no desejo do Outro para dar início a sua constituição. É o desejo do Outro que dá o primeiro conteúdo ao ser, que lhe dá existência simbólica. Pela importância na constituição do ser, Lacan propõe que esse outro seja grafado com letra maiúscula,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OBSERVAÇÕES EM CRIANÇAS QUE DORMEM COM ADULTOS
Antônio José Bezerra dos Santos

outro, o grande outro, o significante capaz de iniciar o pequeno ser na sua estrutura. Vai levar algum tempo até que esse pequeno ser possa identificar-se como um ser falante. Será inicialmente envolvido por essas palavras que lhes são dirigidas, até que chegue à ilusão de que as adquire e domina. Ilusão porque são os significantes que lhes são passados por essa linguagem que acabam por adquiri-lo. Mas, já podendo fazer uso da linguagem, esse ser terá que passar por um segundo momento: o da separação, em que deixa a condição de alienado ao desejo do outro para se perceber um ser autônomo, capaz de existência simbólica própria.

Essa passagem se dá quando o pequeno ser percebe que esse Outro não é completo, que lhe falta algo, portanto que é um ser desejante, pois deseja algo que lhe falta. Isto é percebido quando se faz notar a presença de um terceiro, que tem uma função/poder de satisfazer a mãe. É o pai, possuidor do falo tão necessário à mãe. A criança aí percebe que ela própria não é o falo que completa a mãe. O possuidor desse falo é o pai. Existe esse terceiro que entra na sua relação com a mãe rompendo o cordão umbilical que une os dois seres como um, lança a criança na separação para que saia da alienação ao desejo do Outro e constitua sua própria linguagem. Essa figura paterna precisa dizer este *não*, intervindo nesta relação entre mãe e filho, para cumprir seu papel estruturante com a criança. É nessa falta percebida que o pequeno ser vai constituir o seu desejo.

CONSIDERAÇÕES: O NÃO COMO AFIRMAÇÃO

Pode-se observar que as manifestações como sintomas apresentados pelas crianças que dormem com adultos, tiveram referências na produção teórica de autores dentro da psicanálise. Cada um desses sintomas foi observado em dado momento da investigação clínica. Observe-se também que esses sintomas analisados pelos teóricos citados estavam sempre vinculados a situações em que havia um estímulo à libido da criança. O dormir junto parece, então, ser uma situação que de fato estimula a libido e, assim, provoca o aparecimento dos sintomas observados, pois a criança estaria com sua libido estimulada. Da mesma forma, pode-se constatar a necessidade do corte castrador como estruturante na constituição do sujeito, para que este entre no complexo de castração, viabilizando a resolução do complexo de Édipo.

Então, note-se a necessidade do *não* estruturante que precisa ser ouvido pela criança para que esta possa constituir sua autonomia, sua linguagem e seu desejo. Sem essa barreira, que a mantenha fora da intimidade do adulto e que a impeça de se aprofundar em seu desejo pelas figuras materna e paterna, a criança tenderá a viver ansiedades por conta de sua libido mobilizada e a apresentar dificuldades de caminhar em seu desenvolvimento. O adulto precisa assumir seu papel estruturador junto à criança. A família precisa desempenhar seu papel de referência na formação desse sujeito que está iniciando sua constituição e, para isto, cada um precisa desempenhar sua função e deixar a criança na sua posição de criança. Esta precisa viver a sua infância com o que lhe é próprio: brincar, estudar, amar e conhecer o que lhe cerca. Sentir-se protegida pelos adultos e não protetora destes contra sua (do adulto) ansiedade. O corte estruturador e não estar presente na conjugalidade dos adultos, assim como não ser posta no papel de receptáculo de um investimento



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OBSERVAÇÕES EM CRIANÇAS QUE DORMEM COM ADULTOS
Antônio José Bezerra dos Santos

com o qual o adulto não consegue lidar de forma adequada, tem se mostrado fundamental para que essas dificuldades não sejam mobilizadas na criança.

Diante do observado, talvez caiba uma capacitação sobre o tema com os psicólogos que atuam na atenção primária, para atuarem junto com as enfermeiras nas consultas de puericultura. São nestes espaços onde as crianças recebem seus primeiros cuidados e acompanhamento, e onde cabe a orientação às famílias de forma preventiva para evitar as situações observadas neste trabalho.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO, L. A Abordagem Psicanalítica do Desenvolvimento Infantil, *In:* _____ (org.) **O Que a Psicanálise Pode Ensinar Sobre a Criança, Sujeito em Constituição**. São Paulo: Escuta, 2006.

DOLTO, F. **Quando os pais se separam**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FREUD, S. **A Dissolução do Complexo de Édipo**: Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Edição Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (original 1924).

FREUD, S. **A Sexualidade Feminina**: Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI. Edição Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (original 1931).

FREUD, S. **Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos**: Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. X. Edição Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (original 1909).

FREUD, S. Ansiedade e Vida Instintual. *In:*_____ **Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise**: Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII, Edição Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (original 1933).

FREUD, S. **Inibições, Sintomas e Ansiedade**: Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XX. Edição Standard. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (original 1926).

LACAN, J. **A Relação de Objeto**: o seminário livro 4. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. Nota Sobre a Criança. *In:*_____ **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, J. Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo. *In:*_____ **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LAZNIK, M.C. **Psicanálise e Genética**. São Paulo: Instituto Langage, 2025.

RABELLO, S. Sexualidade da criança e silenciosa. [S. l.: s. n.], 2009. Disponível em: <http://thelmatorrecilha.blogspot.com.br/2009/09/sexualidade-da-crianca-e-silenciosa-e.html>, Acesso em: 28 dez. 2016.

ROSENBERG, A. M. S. A Constituição do Sujeito, *In:*_____ **O Lugar dos Pais na Psicanálise de Crianças**. [S. l.]: Escuta, 1994.